

“NÃO VAI TER GOLPE” E “VEM PRA RUA BRASIL”: O FACEBOOK COMO DISPOSITIVO DE MEDIAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DE MOVIMENTOS SOCIAIS

"WILL NOT HAVE BLOW" AND "VEM PRA RUA BRAZIL": FACEBOOK AS A MEDIATION DEVICE AND ORGANIZATION OF SOCIAL MOVEMENTS

Bruna Bomfim Lessa dos Santos^a

Edvaldo Souza Couto^b

RESUMO

Introdução: O artigo discute sobre manifestações realizadas entre março e maio de 2016, quando milhares de cidadãos brasileiros foram às ruas protestar a favor e contra o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff. **Objetivo:** Analisar, a partir das páginas do *Facebook* “Não vai ter golpe” e “Vem pra rua Brasil”, a mediação, a organização dos movimentos sociais e os discursos desenvolvidos nesses espaços virtuais.

Metodologia: Trata-se de estudo de caso. Adotou-se a técnica de observação direta dos comentários realizados na rede, das conexões existentes e as postagens com maior influência, limitando o estudo às métricas de Análise de Redes Sociais de grau de entrada e grau de saída, grau de intermediação e modularidade. Utilizou o aplicativo *Netvizz* para coleta dos dados. Para visualização da rede, utilizou-se o software *Gephi*.

Resultado: Há mais usuários dispostos a replicar uma informação do que criar uma nova. O engajamento nas páginas se deu, sobretudo, pela atualização da informações e simultaneidade que eram publicados. **Conclusão:** O *Facebook*, como um dispositivo de mediação, facilitou a organização dos movimentos no espaço urbano, atraindo e reunindo milhares de pessoas, possibilitando a sobrevivência de tais movimentos.

Descritores: Mediação da Informação. Análise de Redes Sociais. Movimentos Sociais. *Impeachment*.

^a Doutoranda em Ciência da Informação – Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação – UFBA. Professora da Universidade Federal da Bahia. E-mail: lessbruna@gmail.com

^b Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professor Titular da Universidade Federal da Bahia. E-mail: edvaldosouzacouto@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

Em tempos de redes sociais da internet conviver com o diferente tem se tornado cada vez mais difícil para muitas pessoas. A exposição multimídia nessas redes, por meio de imagens, sons, textos e compartilhamentos favorecem a significação do "eu" de cada indivíduo participante, o que pode causar uma série de manifestações, positivas e/ou negativas. O uso de redes sociais na internet vem se tornando cada vez mais frequente em nossa sociedade, uma vez que o compartilhamento de informações, ideias e opiniões nestes espaços virtuais alcançam, em tempo remoto, o maior número de pessoas, além de favorecer relacionamentos com maior interatividade, exercem influência sobre aqueles que as utilizam, caracterizando-se, com isso, como veículo de sociabilização e expressão.

A liberdade que esses espaços virtuais possibilitam para a "demonstração de si", configuram-se num novo modo de relacionar e interagir com o outro. As informações que são trocadas constantemente nesses espaços de interação mediada por computador oportunizam a construção de conhecimento de maneira colaborativa. A formação de comunidades virtuais em prol de objetivos em comum tem redimensionado seus participantes para um espaço de discussão totalmente híbrido, que interage entre o *on-line* e o *off-line*, entre o virtual e o real.

É nesse espaço de publicidade do direito de manifestar ideias e opiniões que surgem os novos movimentos sociais, caracterizados pela mobilização e organização *on-line*. Incentivados pela indignação as questões políticas e culturais se aproximam utilizando dispositivos de comunicação da *web social*, tal como os *sites* de redes sociais, para convocar outros a refletirem e se manifestarem sobre temas em comum, trocando experiências, e algumas vezes, chamando-os para o conflito em espaços urbanos.

A partir desse contexto, aparecem os mediadores em rede, que sob a dimensão coletiva da mediação, tem o papel de motivar outros a agirem sob sua interferência, construindo ações coletivas, e que, de certa forma, caracterizam um grupo ou uma comunidade. Desse modo, trata-se de uma mediação

sociocultural que se apresenta como uma ação voltada para a promoção e integração da sociedade, intervindo nos contextos socioculturais como um processo comunicacional de transformação e reorganização das relações sociais. Por meio desses dispositivos de comunicação da *web* social, tais mediadores ocupam seu lugar de protagonismo atuando em movimentos sociais *on-line* que acabam convergindo para a interação face-a-face, lutando contra formas de dominação e poder por meio da conexão em rede.

A partir disso, neste artigo, procurou-se identificar, durante os meses de março e maio de 2016, quando aconteceram em todo o Brasil manifestações contra e a favor ao *impeachment* da então Presidenta Dilma Rousseff, como se deu a mediação dos discursos realizados em duas páginas no *Facebook*, "*Não vai ter golpe*" e "*Vem pra Rua Brasil*", no que tange ao engajamento dos participantes a partir de suas postagens, curtidas e compartilhamentos. Para isso, fez-se uma observação direta das páginas, coletando os dados com o auxílio do *Netvizz* e do *Gephi* para visualização dos grafos.

A observação das páginas, bem como a observação por meio de notícias veiculadas na mídia jornalística (rádio, TV, jornal), associado às experiências dos pesquisadores, que vivenciaram o contexto desta pesquisa, possibilitaram concluir que a medida que as publicações eram compartilhadas no *Facebook*, sobre os temas em questão, maiores eram as mobilizações nas ruas, as quais aconteciam de forma simultânea, evidenciando a coesão entre espaço físico e virtual, convergindo as ações coletivas no espaço urbano, com as ações coletivas no espaço virtual, aproximando tanto o virtual do real, quanto o real do virtual.

2 MOVIMENTOS E MEDIADORES SOCIAIS

As diferenças sociais, educacionais e/ou até econômicas, ao contrário do que se possa pensar, ao invés de excluir podem aproximar realidades e pessoas. Por meio da consciência de que a alteridade existe é possível construir novos conceitos, afirmações, atitudes. A mediação não é passiva, ela provoca, porque interfere. Contudo, não se pode dizer que sua interferência seja impositiva, manipuladora e intencional. A mediação deve provocar, sobretudo, a reflexão

sobre as diferenças, questionar o falso e o verdadeiro, aquilo que é, e o que poderá ser.

Perrotti e Pierruccini (2008), por exemplo, ao justificarem o caráter cultural da mediação, dizem que esta é articulada ao processo semiótico por meio do qual se produz sentidos, envolvendo linguagens e discursos. No âmbito social, a função da mediação consiste em organizar e estruturar as relações no ambiente. Os dispositivos de comunicação – a escrita, a fala, as imagens, as obras de arte, entre outros – unem aqueles que, de igual modo, podem decodificá-los, da mesma maneira que aproxima e motiva o Outro pela curiosidade em contemplar as diferenças.

Assim, ao observar as diferenças, encontra-se algo mútuo, que sob a perspectiva dos movimentos sociais, desencadeia o entusiasmo para desafiar o medo e atuar coletivamente em favor de uma demanda da sociedade, estimulando seus participantes a tornarem sujeitos ativos. Dessa maneira, anuímos com Gohn (1997, p. 81), quando diz que "Por meio dos movimentos sociais as pessoas se envolvem em outras simbólicas sobre os significados e interpretações dos fatos e coisas."

Nesse sentido, a mediação sociocultural ocorre a partir das interações entre os sujeitos e a construção e reconstrução de suas identidades.

A mediação é a institucionalização de um sistema de regras que mobilizam a mudança de comportamento e que visam a reduzir a desarmonia entre visões de mundo e a promover um diálogo entre elas. O exercício da mediação apresenta instrumentos de aplicação e formas de objetivação muito diversas. Essas múltiplas formas de mediação permitem a interligação de mundos diferenciados e pressupõem a ruptura com o modo de pensar e se comportar tanto de mediadores quanto de mediados (DEPONTI; ALMEIDA, 2008, p. 2).

Partindo dessa lógica, a emoção se configura como a força motor para a criação de movimentos sociais, uma vez que os indivíduos motivados pela mudança, transformam seus sentimentos em ações. Desse modo, pode-se inferir que é a partir das diversidades que se mantêm o equilíbrio. No âmbito cultural, a linguagem torna-se elemento essencial para o progresso social, já que para a constituição da identidade de um povo é necessário um componente para a organização e intermediação das relações sociais.

A linguagem dá condições à apropriação da cultura como uma ferramenta para a criação de práticas socioculturais. Nesse sentido, o "apropriar-se" da cultura oportuniza a ressignificação da categoria de dominação, pois quando a cultura passa a receber significado e é construída por todos, age como agente de libertação, uma vez que impulsiona o sujeito a ser participativo, criando seus próprios modos de vida. Tal participação, alimentada pelos conhecimentos de cada sujeito, é representada conforme contextos culturais distintos, e a cultura, alimentada por vários sujeitos, torna-se produto de um conhecimento compartilhado, passando a ser autônoma.

Sobre a dimensão sociocultural da mediação, Oliveira e Galego (2005) destacam a mediação intercultural, a mediação comunitária e a mediação social. Para as autoras, a mediação intercultural, partindo da concepção pedagógica de Philippe Pierre e Nicolas Delange, permite interpretar o Outro segundo suas diferenças. Já a mediação comunitária, preocupa-se em potencializar a participação de uma comunidade na resolução de problemas, de maneira que desenvolvam autonomia e responsabilidade. E a mediação social está voltada para a reconstrução de laços sociais para que a socialização seja mantida.

Desse modo, a ação humana supõe tal mediação, uma vez que acontece a partir das interações históricas, sociais e culturais. Sob este ponto de vista, a mediação sociocultural assume um sentido antropológico, pois liga a experiência humana aos produtos da cultura, que pode ser real e/ou simbólico. No entanto, para que haja a representação de tais produtos, seja real ou simbólico, torna-se necessário o reconhecimento e ocupação dos sujeitos no espaço social.

Tal ocupação também está relacionada a autonomia dos sujeitos dentro de um contexto social, o que lhe permite desenvolver a capacidade de tomar suas próprias decisões independente do Outro, ou da própria sociedade como um todo, segundo seus interesses e princípios. É, então, sob esta autonomia que se constroem os movimentos sociais, que segundo Gohn (2011, p. 336) "[...] realizam diagnósticos sobre a realidade social, constroem propostas. Atuando em redes, constroem ações coletivas que agem como resistência à exclusão e lutam pela inclusão social."

Cronologicamente, os movimentos sociais, como ações coletivas, iniciaram-se no século XIX com as revoltas operárias, como uma revolução a favor da emancipação da classe trabalhadora. Já no século XX, os anos de 1970 foi marcado por diversas ações coletivas contra o sistema capitalista; nos anos 1980, surgem os movimentos heterogêneos, que apesar da estrutura e linha de ação diversificada, estavam unidos por meio de mobilizações contra regime de poder predominante; já nos anos 1990, surgem os movimentos sociais em rede, iniciando como movimento neozapatista em Chipas (1994), ganhando impulso em 1999 com a organização ATACC, a qual, por meio de uma reunião em Paris, definiu formas de atuação de movimentos sociais contra o neoliberalismo.

No início do século XXI, a Guerra do Iraque, também conhecida como Guerra do Golfo, em 2003, repercutiu o importante papel das redes na disseminação dos acontecimentos verídicos sobre a Guerra; nos anos 2010 eventos chamados de "primavera árabe", mundialmente conhecidos como uma série de movimentos que se articularam nas redes sociais em favor da libertação de regimes tirânicos no Oriente Médio e no Norte da África. De modo semelhante, aconteceram em 2011, os movimentos *Occupy*, nos Estados Unidos, voltados contra a injustiça econômica, quando sites de redes sociais, como o *Facebook* e o *Twitter* mediaram encontros entre indivíduos em espaços urbanos para protestar (SANTAELLA, 2013, p. 101-106).

O Brasil possui antecedentes históricos caracterizados como atos revolucionários e lutas sociais:

- a) entre 1789 e 1800: movimentos que antecederam as lutas pela independência do Brasil de Portugal;
- b) primeira metade do século XIX: lutas, movimentos e rebeliões nativistas – radicalismo democrático e popular;
- c) segunda metade do século XIX: lutas dos escravos, questão militar, surgimento do movimento das sociedades e associações mutualistas;
- d) século XX: emergem movimentos de diversas classes (operários, militares, pobres, excluídos, camponeses, entre outros) e categorias (educação, meio-ambiente, política, gêneros, idade, cívicas, entre outros);

e) século XXI: movimentos multi e pluriclassistas, transnacionais, identitário (que lutam pelos direitos culturais e diferenças étnicas e sociais), comunitaristas, de melhores condições de vida (GOHN, 2013).

Os movimentos sociais em rede, característicos da contemporaneidade, segundo Castells (2013, p. 12) “[...] espalharam-se por contágio num mundo ligado pela internet sem fio e caracterizado pela difusão rápida, viral, de imagens e ideias.” Para o autor, quanto mais essas ideias são disseminadas entre os participantes, mais terá representatividade dentro do seu contexto e provocará maior esperança em seus participantes (CASTELLS, 2013, p. 24).

É nesse contexto que aqueles, antes excluídos ou indignados, começam a reivindicar seus direitos por meio da associação a algum grupo ativo dentro de redes sociais *on-line*. Segundo Lemos (2003), as ações de organização e mobilização a partir do espaço virtual para os espaços urbanos são características do ciberativismo. Tal prática têm possibilitado a qualquer um conectado à rede se tornar protagonista de uma causa social, adquirindo o *status* de mediador em rede, empoderados a induzir e influenciar outros a seguirem seus ideais à medida que seus vínculos sociais crescem e nascem outros mediadores.

Por esse aspecto, pode-se dizer que os elementos que movimentam as redes sociais *on-line* são a troca de informações e a comunicação que há entre os sujeitos. Desta maneira, ao contrário do que se possa pensar a respeito de como as novas tecnologias minimizariam a mediação “tradicional” da informação, opta-se em evidenciar as formas de mediação que podem existir na internet por meio dos dispositivos de comunicação da *web* social, a exemplo dos *sites* de redes sociais (COUTO, 2016). Nessa perspectiva, tais *sites* estimulam a interação entre pessoas e a formação de grupos, aproximando-as a partir de interesses e afinidades, caracterizando-se, também, como espaços democráticos - um novo lugar para discutir e fazer política.

3 SITES DE REDES SOCIAIS COMO ESTRATÉGIA PARA O FUNCIONAMENTO DA ESTRUTURA POLÍTICA

Os *sites* de redes sociais se configuram na contemporaneidade como ambientes mais dinâmicos da internet, utilizados para qualquer finalidade, seja educacional, entretenimento, *marketing*, comércio, ação cultural, ativismo político, entre outros. Constituem-se como espaços de ideias que conectam todos os níveis do cotidiano das pessoas e "[...] transforma a cultura ao induzir ao compartilhamento. Os usuários dos SNS [*Social Networking Sites*] transcendem o tempo e o espaço, mas produzem conteúdo, estabelecem vínculos e conectam práticas." (CASTELLS, 2013, p. 173).

Compreendidos como veículos estruturados para comunicação de grupos sociais, refletem a identidade do indivíduo que faz uso dela, representando assim, suas preferências e características. Os *sites* de redes sociais vêm ganhando cada vez mais adeptos em virtude das novas formas de relacionamentos sustentados por objetivos em comum, elemento primaz da comunicação contemporânea.

A compreensão desses novos formatos de convivência social, no espaço virtual, faz-nos refletir sobre quais influências eles exercem sobre um indivíduo no que diz respeito às suas relações. Mas também como essas influências reforçariam suas capacidades de atuação, dando ênfase, assim, aos fenômenos que surgem dessas relações, tais como os movimentos sociais em rede.

De certo modo, a proliferação destes *sites* para a organização de movimentos sociais traduz as novas formas de organização da vida social. Para Castells (2013, p. 163-169) tais movimentos podem ser caracterizados como:

- a) rede de múltiplas formas: a forma de conexão da rede é multimodal, ou seja, horizontal, e inclui redes *on-line* e *off-line*;
- b) simultaneamente locais e globais: coexistem em contextos específicos e globalmente. Constroem seu espaço público ao ocupar o espaço urbano e se conectar às redes da internet;
- c) virais: por meio de imagens e outras formas de divulgação, as pessoas se sentem inspiradas a reproduzir, de acordo com seu contexto e cultura, mobilizações em favor de alguma mudança social;
- d) autorreflexivos: estão em constante questionamento sobre o que são e o porquê de suas ações;

e) raramente programáticos: não possuem uma organização ou liderança formalizada, um planejamento a partir de objetivos específicos. Apesar de, algumas vezes, possam "[...] se tornar alvo do *marketing* político [...]", são movimentos "[...] voltados para a mudança dos valores da sociedade, e também podem ser movimentos de opinião pública, com consequências eleitorais."

A partir da caracterização desses movimentos, e a forma como são organizados, faz-se necessário refletir sobre os discursos que são criados pelos seus porta-vozes, ou seus mediadores em rede. Obviamente que, para cada discurso disseminado, há um contexto sociopolítico e um jogo de linguagem que refletem os interesses e objetivos de cada formação discursiva. Por meio da observação de tais discursos pode-se identificar aquele que mais fala, ou que tem maior legitimidade para se pronunciar; quais espaços institucionais obtêm seus discursos; e como se dá a absorção dos discursos pelos seus pares.

Tal configuração implica que mesmo dentro de grupos de opiniões análogas haja conflitos, o que segundo a teoria dos novos movimentos sociais, "[...] é visto como parte do processo de construção da identidade." (GOHN, 1997, p. 126). Tem-se aqui os ideais foucaultianos, quando o discurso opera como uma forma de luta contra formas de opressão. Segundo Foucault (2014, p. 10) o discurso "[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar."

No entanto, há de se considerar os discursos replicados, aqueles que nascem sem fundamento, apenas da prática do compartilhar, da contemplação do espetáculo, ou como disse Debord (1997, p. 14), da "[...] relação social entre pessoas, mediatizada por imagens." Tal discurso, baseado no espetáculo, tem como consequência a ignorância nos indivíduos sobre determinado contexto, disseminando opiniões descontextualizadas, proporcionando o esquecimento de fatos verídicos. Nessa perspectiva, não podem ser considerados mediadores em rede, apenas fazem parte da massa – "[...] remetem para o sistema a sua própria lógica reduplicando-a, devolvem, como um espelho, o sentido sem o absorver." (BAUDRILLARD, 1991, p. 111).

Desse modo, seguir, compartilhar e influenciar são atividades essenciais na perspectiva dos movimentos sociais em rede, formando uma tríade de elementos necessários para uma atuação participativa. Tal abordagem extingue a ideia de centralidade de determinado sujeito e a adoção de tais atividades no espaço virtual favorecem o desenvolvimento de sujeitos aptos a analisar e problematizar suas ações coletivas. Partindo dessa configuração, a organização de movimentos sociais em rede ultrapassa os limites da virtualidade, adquirem visibilidade nos espaços urbanos, atuando em espaços híbridos e constituindo, por meio de manifestações de rua “[...] comunidades instantâneas de prática transformadora.” (CASTELLS, 2013, p. 19).

Nessa perspectiva, o uso de *sites* de redes sociais tem favorecido a sobrevida de tais movimentos, no sentido de deliberar sobre a organização, coordenação e expansão de ações coletivas por meio de interações múltiplas e constantes. Estas ações coletivas, na contemporaneidade, têm influenciado o funcionamento da estrutura política, ao tempo que agregam cada vez mais pessoas dispostas a reconduzir a história de sua comunidade e, conseqüentemente, da sua própria história.

4 “NÃO VAI TER GOLPE” E “VEM PRA RUA BRASIL”: OBSERVAÇÕES SOBRE O DESENVOLVIMENTO DE MOVIMENTOS SOCIAIS EM REDE NO FACEBOOK

Nos meses de março a maio de 2016 o Brasil vivenciou um dos mais dramáticos momentos na história do país. Noticiou-se em todos os meios de comunicação, brasileiros e estrangeiros, a realização de protestos em diversas cidades pró e contra ao *impeachment* (está previsto nos artigos 85 e 86 da Constituição de 1988 e na Lei nº 1.079/50 - Lei do *Impeachment*) da então Presidenta Dilma Rousseff (Quadro 1).

QUADRO 1 – Principais ações coletivas entre 13 de março e 12 de maio de 2016 a favor e contra o *impeachment* da Presidenta Dilma Rousseff

PERÍODO	AÇÕES
13 de março	Protestos contra o Governo Dilma Rousseff e a corrupção. Visto como o maior ato sobre política na história do Brasil, superando as Diretas já.
16 de março	Manifestações em 19 estados e o DF, após vazamento da informação sobre a nomeação do ex-presidente Lula como ministro da Casa-Civil do governo Dilma. Tais ações foram contra nomeação de Lula e a favor da renúncia de Dilma.
17 de março	Lula foi empossado ministro da Casa-Civil. No entanto, após alguns minutos, um juiz federal suspendeu os efeitos da nomeação.
18 de março	Manifestantes pró-governo ocuparam a Avenida Paulista, SP.
19 de março	Manifestantes a favor do <i>impeachment</i> da Presidenta Dilma Rousseff acampam em frente à sede da Federação das Indústrias do Estado de São Paulo (Fiesp), na Avenida Paulista.
21 de março	Manifestantes a favor do <i>impeachment</i> continuam acampados em frente ao prédio da Fiesp.
15 de abril	Manifestantes protestam bloqueando estradas e avenidas em 14 estados do país contra o processo de <i>impeachment</i> , o qual é discutido no plenário da Câmara dos Deputados.
17 de abril	Votação para o <i>impeachment</i> na Câmara dos Deputados. Há protestos pró e contra o governo Dilma em várias cidades do Brasil. Em Brasília, DF, manifestantes contra e favoráveis ao processo de <i>impeachment</i> da Presidenta protestaram na Esplanada dos Ministérios. O lado sul foi reservado aos favoráveis ao processo, já o lado norte, aos que apoiam o governo. Com 367 votos favoráveis, a Câmara dos Deputados aprovou a autorização para prosseguimento no Senado.
10 de maio	Protestos contra o <i>impeachment</i> em 21 estados (Alagoas, Bahia, Ceará, Espírito Santo, Goiás, Maranhão, Minas Gerais, Pará, Paraíba, Paraná, Pernambuco, Piauí, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul, Rondônia, Roraima, Santa Catarina, São Paulo, Sergipe e Tocantins) e DF. Tais manifestações foram lideradas por movimentos sociais e sindicatos.
11 de maio	Votação no Senado Federal sobre o processo de <i>impeachment</i> . Manifestantes contra e a favor do <i>impeachment</i> protestam em vários estados (São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Brasília, Rio Grande do Norte, Amazonas, Paraná, etc.) e, também fora do país (Argentina e Irlanda).
12 de maio	Aprovada a admissibilidade do <i>impeachment</i> da Presidenta Dilma Rousseff, 55 votos a favor e, 22 votos contra. O vice-presidente Michel Temer assume a presidência.

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

Para aqueles que protestaram *pró-impeachment*, a justificativa seria a corrupção sistêmica instalada no governo Dilma, acusando-a de crime de responsabilidade contra a probidade de administração. Já para os que são contra tal acusação acreditam que o *impeachment* se trata da defesa de uma tese inconstitucional, argumentando que não há comprovação do crime, mas, um golpe contra do Estado. Diante desta situação, várias comunidades no *site* de rede social, Facebook, aumentaram suas mediações em rede a fim de organizar protestos e mobilizar pessoas a irem às ruas protestar em favor de seus discursos, tomando as ruas de diversas cidades brasileiras.

Nessa perspectiva, no período apresentado no Quadro 1 (13 de março a 12 de maio), analisou-se duas páginas no Facebook: “Não vai ter golpe” e “Vem pra Rua Brasil”. Tal escolha se deu em virtude da relevância destas páginas no *site* e a notável interação entre página/usuário, bem como as informações discutidas e compartilhadas sobre a situação do país no período de observação. Para realização desta análise e constituição do dataset, foram coletados os dados nas páginas utilizando o aplicativo *Netvizz*, o qual possibilitou analisar a influência de cada postagem e comentário nessas páginas, por meio da leitura no *Microsoft Office Excel*. Para visualização da rede, utilizou-se o *software Gephi*.

4.1 Delineamento da análise

De acordo com o objetivo central deste artigo procurou-se identificar, a partir dos comentários realizados na rede, o discurso apresentado em cada página analisada, as mensagens com maior relevância para conexão de grupos, as conexões existentes e as postagens com maior influência na rede, limitando o estudo às métricas de Análise de Redes Sociais (ARS) de grau de entrada e grau de saída, grau de intermediação e modularidade.

Os grafos, representação de uma rede constituídas por nós (conjunto de pontos) e arestas (linhas), são do tipo direcionado, que segundo Recuero, Bastos e Zago (2015, p. 64) “[...] as linhas ou curvas apresentam uma flecha indicando a direção da conexão.” Nesse sentido, cada postagem representou um nó e as arestas, as relações entre os usuários e as mensagens postadas, como

comentários e curtidas. Foram extraídas 42 mensagens da página “Não vai ter golpe” e 87 mensagens da página “Vem pra Rua Brasil” no período de análise, estabelecendo-se um critério de até 50 mensagens (mais relevantes – maior engajamento) no *software* de coleta, *Netvizz*, para cada período de coleta, conforme Quadro 2:

QUADRO 2 – Quantidade de mensagens coletadas por período

PÁGINA	PERÍODO		
	13 A 21 DE MARÇO	15 A 17 DE ABRIL	10 A 12 DE MAIO
Não vai ter golpe	11	16	15
Vem pra rua Brasil	31	46	10

Fonte: Quadro elaborado pelos autores.

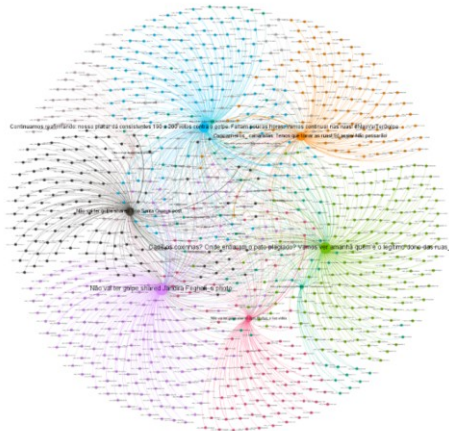
A escolha para apresentação dos exemplos aqui demonstrados se deu a partir do engajamento dos nós e repercussão na rede, observada pelos pesquisadores.

4.1.2 Análise de rede na página “Não vai ter golpe”

A página “Não vai ter golpe” foi criada em 2015 e se apresenta como um Grupo que apoia a Democracia no Brasil e a Presidenta eleita. É uma página em defesa da política de soberania nacional, do pré-sal, da distribuição de renda, da Democracia plena.

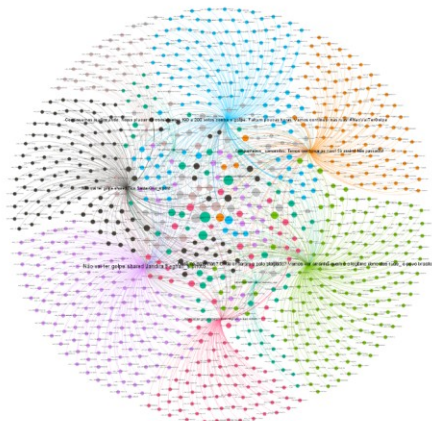
A primeira métrica realizada foi a de modularidade, que permitiu a identificação de 10 comunidades formadas entre os nós a partir de suas arestas, ou seja, as mensagens postadas, curtidas ou compartilhadas. Assim, as cores representadas no grafo (Figura 1) apresentam os nós interligados entre si, estabelecidas a partir da conexão entre as postagens da página e seus seguidores. Aplicou-se também a métrica de grau de entrada (*indegree*), que apontou (nós maiores) as postagens com maior número de conexões no período de análise, ou seja, que tiveram maior destaque.

Figura 1: Métricas de modularidade (cores) e grau de entrada (*indegree*) aplicadas na página “Não vai ter golpe”



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 2: Métrica de grau de saída (*outdegree*) aplicada na página “Não vai ter golpe”

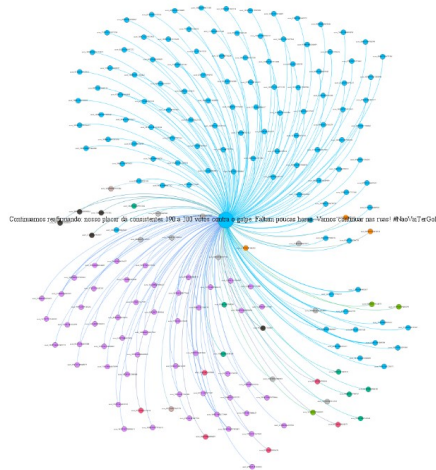


Fonte: Elaborado pelos autores.

Na Figura 1, nota-se que os nós com maior grau estão concentrados no grafo, indicando a atração baseada em suas conexões, enquanto que aqueles com poucas conexões são afastados para os arredores. No entanto, ao verificar o grau de saída (*outdegree*), vê-se que a quantidade de nós maiores é superior a que é vista na Figura 1, pois representam os usuários que mais curtiram ou compartilharam postagens (Figura 2), ou seja, os reprodutores de discursos. Em suma, na Figura 1, métrica de grau de entrada, estão os nós com popularidade, ou mais influentes, já na Figura 2, métrica de grau de saída, os nós que mais repassaram as mensagens na rede.

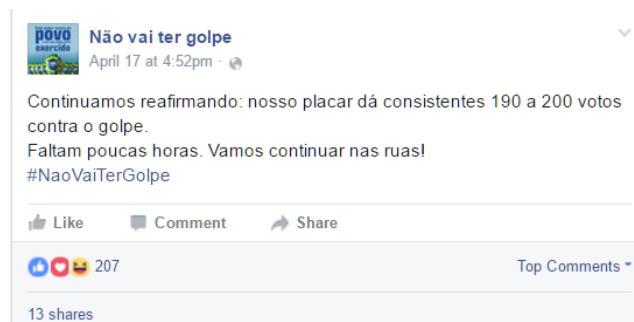
Na Figura 3, aplicou-se o filtro Rede Ego para visualizar as conexões do nó de cor azul, o qual representa a postagem “*Continuamos reafirmando: nosso placar dá consistentes 190 a 200 votos contra o golpe. Faltam poucas horas. Vamos continuar nas ruas! #NãoVaiTerGolpe*”, conforme Figura 4.

Figura 3: Recorte da rede do nó de cor azul



Fonte: Elaborado pelos autores.

Figura 4: Postagem correspondente ao nó de cor azul



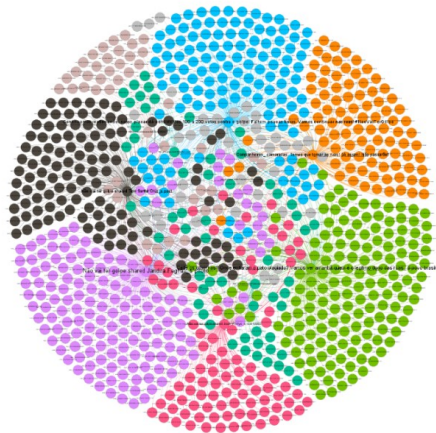
Fonte: Facebook (2016).

Verifica-se que a mensagem representada pelo nó azul possui várias conexões, ou seja, atores que a curtiram e/ou compartilharam. Tomando por base a quantidade de curtidas da página “Não vai ter golpe” na data da postagem (17 de abril) igual a 1.088, o número absoluto de engajamento (curtidas e comentários) da postagem da Figura 4 (207), tem-se 19% de relevância da referida postagem dentro da página. O conteúdo da mensagem expressa a explícita mobilização dentro do espaço virtual para culminar na mobilização no espaço urbano. Esse tipo de informação demonstra o Facebook sendo utilizado como um espaço cooperativo para o desenvolvimento de práticas coletivas,

quando a mediação ocorre em sua dimensão dialógica, contribuindo para o protagonismo social dos participantes.

Para identificar os nós com grande potencial para intermediação de postagens, ou seja, “[...] o quanto um nó é essencial para que uma determinada informação circula na rede [...]” (RECUERO, 2009, p. 74), utilizou a métrica de grau de intermediação (*betweenness*), apresentada na Figura 5:

Figura 5: Métrica de grau de intermediação (*betweenness*) aplicada na página “Não vai ter golpe”



Fonte: Elaborado pelos autores.

Nesse caso, todos os nós possuem grau de intermediação igual a zero (0), não representam ponte para nenhum outro nó da rede. No entanto, fazem parte do grafo pelo fato de publicar, compartilhar e curtir informações. Diante disso, infere-se que todos os nós possuem importância na rede como intermediários no fluxo de informações. Para Newman (2003, p. 47), a métrica de grau de intermediação pode identificar a “[...] influência que um determinado nó tem no espalhamento de informação na rede [...].”

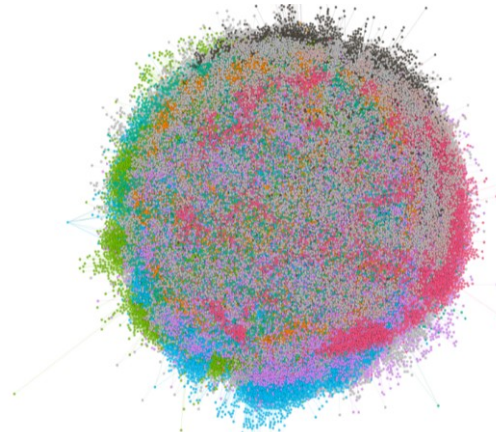
4.1.3 Análise de rede na página “Vem pra Rua Brasil”

Criado no final de 2014, segundo seu *website* (<http://www.vemprarua.net/>), o “Vem pra Rua Brasil” é um “[...] movimento suprapartidário, democrático e plural que surgiu da organização espontânea da sociedade civil para lutar por um Brasil melhor.” (VEM PRA RUA, 2014). Na sua página no Facebook diz que

O Movimento Vem Pra Rua quer ser o palco de todos os brasileiros - das mais variadas etnias e orientações, idades e de todos os lugares do país - que estão indignados e querem protestar contra o governo, contra a falta de ética e as mentiras que são contadas diariamente a todos nós, contra os políticos corruptos, através de grandes manifestações cívicas, sempre ordeiras e pacíficas. Queremos também aglutinar todos os movimentos correlatos, que desejem engrossar este coro e participar. Somos todos brasileiros! (VEM PRA RUA, 2016).

No recorte para o estudo, do período de 10 março a 11 de maio de 2016, identificou-se 15 comunidades nesta página, relações entre os nós e o conteúdo da página (curtidas, postagens e compartilhamentos). Na Figura 6, tem-se a rede, de grafo dirigido, com 93.310 nós e 234.907 arestas. Aplicou-se a medida de modularidade, identificando 15 comunidades, ou seja, a quantidade de grupos existentes de nós.

Figura 6: Rede da página “Vem pra Rua Brasil no período de 10 a 11 de maio de 2016

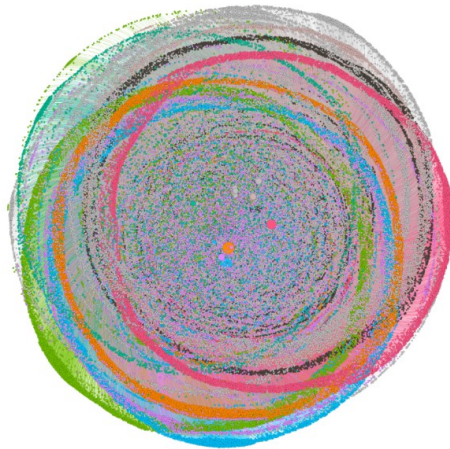


Fonte: Elaborado pelos autores.

Vê-se que na figura acima, o grafo apresenta um grande aglomerado de nós, impossibilitando identificar claramente as conexões. Nesse caso, para uma melhor análise, aplicou-se algoritmos de visualização e filtros para prover uma observação visual clara.

Para isso, aplicou-se o algoritmo Yifan Hu, o qual busca “[...] um equilíbrio mais global, focado em grafos com muitos nós.” (RECUERO; BASTOS; ZAGO, 2015, p. 104). As postagens com maior número de engajamento, são representadas pelos nós maiores (Figura 7).

Figura 7: Grau de entrada (*indegree*) aplicadas na página “Vem pra Rua Brasil” no período de 10 a 11 de maio de 2016



Fonte: Elaborado pelos autores.

O nó na cor laranja (Figura 7), destaca-se entre os outros devido sua quantidade de conexões. Tal nó representa a mensagem postada com mais de 23 mil curtidas, 9.402 comentários e 660 comentários na página, que possui mais de 1.300.000 mil curtidas (no período de análise). O conteúdo da mensagem, conforme Figura 8, traz um convite, de modo imperativo, que se configura como um chamamento para uma ação fora da rede social, a de acompanhar a votação e, ao seu resultado, a comemoração. Nesse caso, infere-se que a página (o usuário que a administra) ao postar a mensagem, a partir de sua influência na rede, que recebe mais conexões (*indegree*), age de forma mediadora, ampliando os estímulos dos outros participantes, por meio de uma interação mais informal e descontraída no espaço virtual, bem como da linguagem utilizada, estimulando-os a participarem das atividades propostas (Figura 8).

Figura 8: Postagem correspondente ao nó de cor laranja

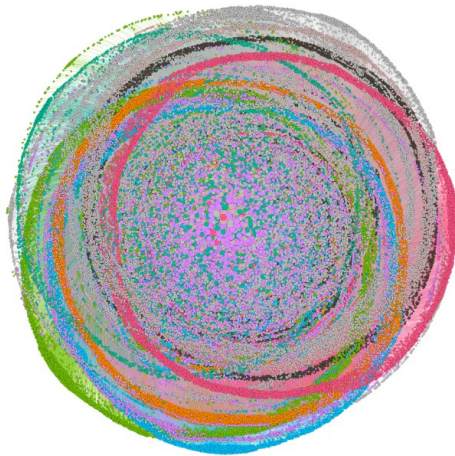


Fonte: Facebook (2016).

Com maior número de compartilhamentos, curtidas e comentários (Figura 8), o convite à participação também traz uma imagem provocativa que remete a uma manifestação nas ruas e que, de certa maneira, convida e estimula a participar da ação. A postagem estimula ainda o retorno de seus usuários à página para obter maiores informações sobre o tema, atuando como um canal de referência sobre o assunto em questão, estabelecendo com isso uma relação de confiança dentro da rede para, por exemplo, ser entendida como uma fonte de informação confiável para compartilhar e obter informações.

Isto representa a influência da página, e as mensagens que publica, analisados aqui como os nós. A reprodução da mensagem, realizada pelos usuários que possuem conexão com a página, demarcado a partir do grau de saída (*outdegree*), a quantidade de conexões que o nó faz, ou seja, aqueles que mais repassaram mensagens (Figura 9).

Figura 9: Grau de saída (*outdegree*) aplicadas na página “Vem pra Rua Brasil” no período de 10 a 11 de maio de 2016



Fonte: Elaborado pelos autores.

Nota-se que a quantidade de nós com maior *indegree* (Figura 7) é bem menor que a quantidade de nós com *outdegree* (Figura 9), indicando que não são todos os nós que possuem influência dentro da rede; a maior parte dela são de nós que repassam informações, ou seja, reprodutores de conteúdo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo procurou-se apresentar o site de rede social Facebook como um espaço para mediação e organização de movimentos sociais, a partir dos discursos representados nas mensagens das páginas em análise, “Não vai ter golpe” e “Vem pra rua Brasil”, demonstrados no engajamento dos participantes a partir de suas curtidas, postagens e compartilhamentos. A pesquisa coletou durante os meses de março a maio de 2016, nas referidas páginas, ações que indicavam a influência de determinados discursos no espaço virtual que estimulavam a participação no espaço urbano. Por meio da análise de redes sociais mostrou que determinadas mensagens e a forma como são escritas possuem grande relevância no estímulo a prática coletiva.

Nesse sentido, destaca-se três pontos significativos para a conclusão desta pesquisa. O primeiro é que apesar da página “Vem pra rua Brasil” possuir um maior número de curtidas do que a página “Não vai ter golpe”, não significa que as inferências acerca de suas influências na rede podem aqui ser

comparadas, pois o objetivo não foi quantificar o valor absoluto do engajamento das páginas em análise, mas analisar como a mediação dos discursos são realizados na rede de modo que influenciem a participação em manifestações no espaço urbano. Assim, o fato do engajamento dos participantes ser maior em uma página e outra não, devido a quantidade de conexões da página, verificou-se que há mais usuários dispostos a replicar uma informação do que criar uma nova. Isto pode ser notado por meio das métricas de grau de saída e grau de entrada, quando em ambas as páginas se identificou uma grande diferença entre aqueles que são mais citados (*indegree*) e aqueles que mais repassam informações (*outdegree*).

A segunda conclusão destacada é que, tomando-se como base o número de mensagens extraídas das páginas nos períodos de observação, pôde-se inferir que o movimento produzido em rede se configura como viral, pois grande parte das postagens foram associadas à imagens e vídeos, com conteúdos inspirativos e imperativos, o que estimulou a reprodução das mensagens. Nesse caso, acredita-se que o discurso disseminado foi aceito pelos outros usuários da rede também pelo fato do tipo de informação veiculada, e como foi veiculada. Quanto mais atualizadas as mensagens, e a simultaneidade que eram publicadas com base nos acontecimentos sobre o assunto em questão, maior o engajamento na página e a comunicação entre os participantes a partir do recurso “comentar” do Facebook. Tal estratégia, favoreceu o protagonismo dos participantes que puderam expor suas opiniões, mediados pelo significado que determinada mensagem provocou, reforçando com isso suas capacidades de atuação, dando ênfase aos fenômenos que surgem dessas relações, e que migram para o espaço urbano.

A terceira conclusão relevante a se ressaltar é que por meio das redes criadas no espaço virtual, nesse caso o Facebook, os organizadores dos movimentos sociais puderam atrair e reunir outros militantes em favor das causas em questão. Apesar de alguns nós (mensagens) representarem maior influência que outros, em suma, todos os nós tiveram importância na rede, uns como mediadores, que influenciam e interferem, e outros como intermediadores, que conectam grupos na rede, essenciais para o fluxo de informações. O convite

a práticas coletivas e as instruções para tais atividades fora do espaço virtual, evidencia outros usos para um *site* de rede social, tais como a mediação e a organização de movimento sociais e, sobretudo, a sobrevivência desses movimentos a partir das interações favorecidas pelo ambiente virtual.

Assim, dispositivos de comunicação da *web* social, como os *sites* de redes sociais, assumem na contemporaneidade uma nova função que é a de reunir pessoas não apenas no ambiente virtual, mas de proporcionar o encontro no espaço urbano. Obviamente que esta função possui inúmeras variáveis, que podem servir à aspectos positivos ou negativos para a sociedade, no entanto, tornam-se necessários estudos sobre as ações coletivas em redes que têm como propósito a ocupação do espaço público, a fim de investigar a mediação estabelecida no ciberespaço para integrar pessoas e colaborar nos processos de aprendizagem e construção do conhecimento e da ação por meio da crítica e da leitura do mundo.

REFERÊNCIAS

- BAUDRILLARD, J. **Simulacros e simulação**. Lisboa: Relógio d'Água, 1991.
- BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. 25. Ed. Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2005.
- BRASIL. **Lei nº 1.079**, de 10 de abril de 1950. Define os crimes de responsabilidade e regula o respectivo processo de julgamento. Diário Oficial da União, seção 1, 12 abr. 1950, p. 5425.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- COUTO, E. S. Pedagogies of connections: Share knowledge and build subjectivities in digital networks. In: CHAGAS, A.; PORTO, C.; SANTOS, E. (Org.) **Facebook and education: post, like & share**. Campina Grande, EDUEPB, 2016.
- DEBORD, G. **A sociedade do espetáculo**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEPONTI, C. M.; ALMEIDA, J. Sobre o processo de mediação social nos projetos de desenvolvimento: uma reflexão teórica. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE ECONOMIA, ADMINISTRAÇÃO E

SOCIOLOGIA RURAL, 46., 2008, Rio Branco. **Anais...**Rio Branco: SOBER, 2008.

FACEBOOK. Disponível em: <<https://www.facebook.com>>. Acesso em: 13 maio 2016.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**: aula inaugural no College de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GOHN, M. da G. **Teoria dos movimentos sociais**: paradigmas clássicos e contemporâneos. São Paulo: Edições Loyola, 1997.

_____. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-513, maio/ago. 2011.

_____. **História dos movimentos e lutas sociais**: a construção da cidadania dos brasileiros. 8. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2013.

LEMONS, A. Cibercultura: Alguns pontos para compreender a nossa época. In: CUNHA, P.; LEMOS, A. (Org.). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003, p. 11-23.

NEWMAN, J. **The structure and function of complex network**. 2003. Disponível em: <<https://arxiv.org/pdf/cond-mat/0303516.pdf>>. Acesso em: 10 abr. 2016.

OLIVEIRA, A.; GALEGO, C. **A mediação sociocultural**: um puzzle em construção. Lisboa: ACIDI, 2005.

PERROTTI, E.; PIERUCCINI, I. Infoeducação : saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (Org.). **Informação e contemporaneidade**: perspectivas. Recife: Néctar, 2008.

RECUERO, R. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R.; BASTOS, M.; ZAGO, G. **Análise de redes para mídia social**. Porto Alegre: Sulina, 2015.

SANTAELLA, L. **Comunicação ubíqua**: repercussões na cultura e na educação. São Paulo: Paulus, 2013.

VEM pra rua.net. Disponível em: <<https://www.vempraru.net/>>. Acesso em: 13 maio 2016.

"WILL NOT HAVE BLOW" AND "VEM PRA RUA"

BRAZIL": FACEBOOK AS A MEDIATION DEVICE AND ORGANIZATION OF SOCIAL MOVEMENTS

ABSTRACT

Introduction: The article discusses events held between March and May 2016, when thousands of Brazilian citizens took to the streets to protest for and against the impeachment of President Dilma Rousseff. **Objective:** To analyze, from the pages of Facebook "will not have blow" and "Come to Brazil street", mediation, organization of social movements and discourses developed in these virtual spaces. **Methodology:** This is a case study. Adopted the technique of direct observation of the comments made on the network of existing connections and threads with greater influence, limiting the study to the metrics of Social Network Analysis degree of input and output degree, degree of intermediation and modularity. *Netvizz* used the application for data collection. To display the network, we used the software *Gephi*. **Result:** There are more users willing to replicate an information than creating a new one. The engagement on pages mainly occurred, updating information and simultaneity that were published. **Conclusion:** Facebook as a mediation device, facilitated the organization of movements in urban space, attracting and bringing together thousands of people, allowing the survival of such movements.

Descriptors: Mediation Information. Social Network Analysis. Social movements. Impeachment.

"NO VA TENDER GOLPE" Y "VENGA A RUA BRASIL": FACEBOOK COMO DISPOSITIVO DE MEDIACIÓN Y ORGANIZACIÓN DE MOVIMIENTOS SOCIALES

RESUMEN

Introducción: El artículo analiza los acontecimientos que tuvieron lugar entre marzo y mayo de 2016, cuando miles de brasileños salieron a las calles para protestar favor y en contra de la destitución del presidente Dilma Rousseff. **Objetivo:** Analizar, desde las páginas de *Facebook* "no tendrá golpe" y "Vamos a la calle de Brasil", la mediación, la organización de los movimientos sociales y los discursos desarrollados en estos espacios virtuales. **Metodología:** Este es un estudio de caso. Adoptado la técnica de la observación directa de los comentarios realizados en la red de conexiones y roscas con mayor influencia existentes, lo que limita el estudio de la métrica del grado de análisis de redes sociales de entrada y salida de grado, grado de intermediación y modularidad. *Netvizz* utiliza la aplicación para la recogida de datos. Para visualizar la red, se utilizó el software *Gephi*. **Resultado:** Hay más usuarios dispuestos a replicar una información que la creación de una nueva. La participación en las páginas se produjo sobre todo, la actualización de la información y la simultaneidad que fueron publicados. **Conclusión:** *Facebook* como un dispositivo de mediación, facilitó la organización de movimientos en el espacio urbano, atraer y reunir a miles de personas, lo que permite la supervivencia de tales movimientos.

Descriptores: Información de la mediación. Análisis de Redes Sociales. Los movimientos sociales. Juicio político.